

ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO: ENTRADAS NA LICENCIATURA EM TEATRO E DANÇA

Renata Celina de Moraes¹

Resumo: Este artigo versa sobre o Estágio Supervisionado Obrigatório (ESO) enquanto componente curricular nos cursos de Licenciatura em Dança e Teatro e algumas inquietações que perpassam os estudantes dessas áreas de formação. O objetivo é auxiliar os graduandos que estão entrando em contato com o ESO a compreender esta etapa formativa com orientações e sugestões. Utilizamos a metodologia de observação, enquanto professora orientadora de estágios nessas áreas, e revisão bibliográfica para auxiliar nossas inferências. Os resultados indicam que é possível realizar estágios mais prazerosos e significativos se algumas instruções forem feitas no que se refere as escolhas dos campos de atuação, do/a professor/a supervisor/a e sobre as etapas a seguir.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado Obrigatório; Licenciatura em Dança; Licenciatura em Teatro.

¹ Renata Celina de Moraes é professora da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) dos cursos de Licenciatura em Dança e Licenciatura em Teatro, e professora colaboradora na Universidade Federal do Rio Grande do Norte no Mestrado Profissional em Artes - PROFArtes. É Doutora em Dança pelo Programa de Pós-Graduação em Dança - UFBA. É Artista da cena e, também, Pedagoga pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: renata.celina@ichca.ufal.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3321-596X> Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8391209732029272>

PRÁCTICAS OBLIGATORIAS TUTELADAS: INGRESO AL GRADO EN TEATRO Y DANZA

Resumen: Este artículo trata sobre las Prácticas Obligatorias Supervisadas (ESO) como componente curricular en las carreras de Grado en Danza y Teatro y algunas inquietudes que permean a los estudiantes en estas áreas de formación. El objetivo es ayudar a los estudiantes de grado que están entrando en contacto con la ESO a comprender esta etapa formativa con orientaciones y sugerencias. Utilizamos la metodología de observación, como docente guiando prácticas en estas áreas, y revisión bibliográfica para auxiliar nuestras inferencias. Los resultados indican que es posible realizar pasantías más placenteras y significativas si se dan algunas instrucciones sobre la elección de campos de actividad, el docente supervisor y los pasos a seguir.

Palavras clave: Prácticas obligatorias supervisadas; Licenciatura en Danza; Licenciatura en Teatro.

1 Orientação: uma introdução

Esta escrita põe em pauta uma situação recorrente enfrentada nas licenciaturas em Dança e Teatro, especialmente quando o assunto são os Estágios Supervisionados Obrigatórios (doravante será chamado de ESO) previstos no fluxograma destes cursos. Por se tratar de cursos de licenciatura, em que a ênfase é dada aos processos didáticos que perpassam a preparação de professores para lecionar a disciplina de Arte (Dança/ Teatro), muitos graduandos dessas áreas resistem à chegada do ESO em razão de objetivarem uma formação voltada para a formação do/a ator/atriz, bailarino/a, ou seja, o que corresponderia a um bacharelado.

O objetivo é auxiliá-los a compreender e passarem por esta etapa formativa com orientações procedimentais que possam ajudar neste percurso. Para essas inferências, foi utilizada a metodologia de observação enquanto professora orientadora de estágios dessas áreas em universidades públicas, em diferentes estados brasileiros, mas que apontam características similares quando o tema é estágio nas áreas de Dança e /ou Teatro. Algumas referências nos amparam no respaldo teórico contribuindo com o que analisamos em situações vividas *in loco*.

2 Formalização do estágio: primeiro contato

Não é de hoje que se diagnostica que a escolha de muitos graduandos pelos cursos de Licenciatura em Dança e/ou Teatro ocorre devido a aproximações com fazeres artísticos, seja na vida escolar, seja pela oportunidade de terem participado de vivências em instituições de caráter não-formal², sem que essa escolha esteja necessariamente vinculada à futura

² Para Maria da Glória Gohn (2014) a educação não-formal é um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o político como a formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade. Ela designa um conjunto de práticas socioculturais de aprendizagem e produção de saberes, que envolve organizações/instituições, atividades, meios

profissão de tornar-se um professor de Arte.

Sem a opção do Bacharelado em Teatro e/ou Dança nos contextos em que residem, muitos veem na licenciatura uma possibilidade de se aproximar de seus interesses artísticos, se deparando com a frustração de não poder realizar uma formação mais específica, direcionada estritamente às práticas cênicas e corporais, uma vez que nas licenciaturas a ênfase está em vivências artísticas relacionadas às dimensões pedagógicas. Essa é a realidade de muitos estudantes das nossas salas de aula de licenciandos nessas áreas de formação.

Dito isso, as disciplinas de ESO tornam-se um desafio ainda maior do que de fato são. Isso porque, ao chegarem a essa etapa formativa, veem que este componente curricular visa promover a integração entre os conhecimentos práticos e teóricos possibilitando a formação de professor/a. O ambiente de estágio é a escola e suas situações reais do cotidiano escolar assim como em espaços não-formais. Entretanto, a inserção em espaços educativos escolares costuma possuir uma carga horária maior.

Acontece dos estudantes se matricularem pela obrigatoriedade curricular destes componentes, e quando possível retardam estas disciplinas o máximo possível, por carregarem preconceitos estabelecidos e pouca abertura de vivenciar as diferentes oportunidades que lhes são oferecidas. Casos em que as negativas ideológicas antecedem as experiências.

Não obstante, considerando essa realidade encontrada em muitas salas de aula das Licenciaturas em Dança e/ou Teatro, esta escrita se apresenta com afeto para dizer que ESO pode ser sim, um processo de descobertas e potencialidades que podem ser descamadas e tratadas por você, com um olhar menos aflito.

A poética e a arte já nos trouxeram até aqui. O que podemos fazer por/com elas?

e formas variadas, assim como uma multiplicidade de programas e projetos sociais. O aprendizado gerado e compartilhado na educação não-formal não é espontâneo porque os processos que o produz têm intencionalidades e propostas.

3 Assinaturas: dança e teatro na escola

Coreografias ensaiadas para os projetos escolares ou em datas comemorativas, nos saraus, nas apresentações de trabalhos escolares performativos, nas provas das gincanas que envolviam interpretações... Essas são algumas memórias que nos vêm à mente ao rememorarmos o período escolar. Alguns as recordam por sua participação efetiva; outros, porque não se identificavam com essas atividades e preferiam se ausentar diante de qualquer situação que os colocasse em exposição. Em ambas as circunstâncias, eu vos pergunto: em que momento da vida vocês se depararam com a Dança e/ou Teatro pela primeira vez?

Podemos ter tido nossos primeiros encontros em uma ida ao circo, ao teatro – o que seriam, por sinal, ótimas referências. Mas é na escola que, geralmente, esse *date*³ acontece. A diferença é que, na maioria das vezes, apenas ela, a escola, conhece a intenção de estabelecer essa relação. Os estudantes se deparam com processos criativos e atividades artísticas e, muitas vezes, é sem perceber, que vão sendo envolvidos. Esse envolvimento pode acompanhar toda a trajetória escolar e, costumeiramente, está relacionado a professores de Arte que potencializam essa experiência artístico-estética, conduzindo-nos e inspirando-nos ao longo do caminho.

E aí questionamos: se não houver professores com formação específica de Licenciatura em Dança e/ou Teatro, conseguiremos promover uma educação que aproxima os sujeitos das práticas cênicas? A quem queremos designar tal responsabilidade? Por quantos leitores do mundo e da arte eu me (co)responsabilizo? Quem alfabetizará artisticamente os fruidores, os espectadores? Quem ocupará nossas plateias?

São questões que permeiam nossas escolhas profissionais e nelas habitam provocações do que precisamos considerar ao entrarmos e concluirmos uma formação que perpassa a arte, a escola e o protagonismo do educador como agente social.

³ Termo em inglês utilizado em plataformas digitais para designar “encontro”.

4 Campo de estágio: hora da entrada

Entendemos que o estágio se constitui como um campo de conhecimento que se propõe a produzir interação dos cursos de formação com o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas (Pimenta; Lima, 2006). Esse campo social são laboratórios vivos de pesquisa. É momento de reunir os conhecimentos vivenciados durante as disciplinas da licenciatura e elaborar nexos diante da realidade encontrada.

Nessa hora, o estudante costuma dizer que “na realidade a prática é diferente da teoria”. E para essa afirmação convidamos você para analisar essas questões:

- Ao chegar na escola ou na instituição não-formal para cumprir o ESO, teríamos as mesmas referências de ensino de Arte (Dança/ Teatro) de quem nunca esteve na licenciatura desses cursos?

- Será mesmo que qualquer pessoa, sem passar pela base dos componentes de uma licenciatura, teria habilidades para desenvolver o trabalho da docência em Arte?

- Quantos equívocos a disciplina de Arte amarga dentro do currículo escolar, por vir sendo ministrada desde sua implementação, por professores sem a devida qualificação na área, com conteúdos e metodologias esvaziadas que prejudicam a seriedade do componente curricular?

Essas questões muitas vezes são ignoradas, assim como as relações processuais que ocorrem em toda nova experiência. A pressa em finalizar os estágios, e em alguns casos o desprazer, pode impedir você, estagiário/a, de compreender a expansão de suas habilidades e competências ao longo desse percurso. Afirmo com segurança que, sem as disciplinas já cursadas durante a graduação, a chegada ao espaço educativo seria irresponsável e desastrosa. Por isso, muitos cursos estabelecem que essa inserção ocorra, no mínimo, após o quarto (4º) período. É a junção da base de conhecimentos que contribui para o desenvolvimento das habilidades necessárias para o exercício da profissão de professor de Arte.

As habilidades são definidas como o arcabouço teórico que te permite saber, ter o conhecimento do que será ministrado. São os aspectos do conhecimento técnico. Vygotsky (2007) considera fundamental as interações que o sujeito realiza, no nosso caso, como cada estudante vivencia a universidade e se aproxima dos saberes. A partir da organização dessas epistemologias adquiridas na formação, vamos garantindo paulatinamente, competências.

Para Perrenoud (1999) a competência é mais ampla, pois para desenvolvermos precisamos articular as habilidades adquiridas com a capacidade de agir nas situações. Seu desenvolvimento requer a mobilização de conhecimentos, habilidades e atitudes para resolver problemas complexos em diferentes contextos. Entendemos, portanto, que habilidades e competências devem ser exploradas durante as vivências nos espaços educativos e que elas se retroalimentam preparando o estagiário/a em seu campo de atuação.

Assim, é importante compreender que não chegamos às escolas e aos espaços educativos de caráter não formal já preparados, mas sim para buscar desenvolver, além das habilidades adquiridas no curso, as competências necessárias para o campo de trabalho. É nesse contexto que, ao longo dos anos ministrando as disciplinas de ESO, temos testemunhado o desabrochar de professores de Arte em potencial, que se surpreendem ao se verem do “outro lado da sala de aula” e se permitem aprender a “ser professor”.

5 Caracterização: os agentes do Estágio Supervisionado Obrigatório

O Estágio Supervisionado Obrigatório engloba três agentes fundamentais para seu pleno desenvolvimento: o/a estagiário/a, orientador/a e supervisor/a. Começaremos pela disponibilidade e abertura do/a Estagiário/a para que essa imersão seja prazerosa e encaminhe-o a novas aprendizagens.

Para Castro, Souza e Neto (2024), é nesse momento que o professor em formação adquire experiência para poder resolver os problemas e as

adversidades alargando-as como processos investigativos trabalhados *in loco*. Além disso:

Outro ponto que podemos analisar a partir dos estágios, e um dos mais bonitos, é que o estudante da licenciatura passa a compreender a grande importância da educação para a vida, rompendo com paradigmas estabelecidos para uma sociedade excludente, mormente elitista. (Castro; Souza; Neto, 2024, p. 91)

Ou seja, ao entrar em contato com o ambiente educativo, lidamos com as emoções e sentimentos da nossa própria experiência enquanto crianças e adolescentes que fomos, e revisitando a maneira como cada um viveu sua fase escolar. A partir desse reencontro consigo, temos a possibilidade de reelaborar maneiras sensíveis de propor aprendizagens pela arte. De criar modos de ensinar como gostaríamos de ter aprendido. Elaborar trajetórias criativas, cognitivas e humanas. Temos no campo de estágio enquanto professores em formação, o contato com o que há de mais importante e dinâmico que é a vida humana. Tudo depende da disposição de viver essa caminhada de modo qualitativo.

O/A segundo/a agente é o/a orientador/a de ESO. Ele/a deve, preferencialmente, ser um/a professor/a que já atuou na escola ou em espaço não-formal, para trazer uma mediação mais aproximada da realidade. Ele/a deve estimular, propor reflexões, leituras e compartilhamentos que indique o modo como o/a estagiário/a deve atuar no campo. A ele/a compete fazer indicações pontuais referentes a importância de toda documentação, mas especialmente, trazer para os encontros reflexões que possam ampliar o conhecimento dos/as estagiários/as na área de formação, transformando os comentários das situações apresentadas pelos/as licenciandos/as em conteúdos didáticos com respaldo acadêmico.

Por fim, para que as experiências no ambiente educativo sejam mais enriquecedoras, a escolha do/a professor/a supervisor/a do estágio é fundamental. O ideal é buscar profissionais com experiências exitosas e referências positivas, que apresentem um desempenho notável. A esse/a professor/a cabe a responsabilidade de colaborar com o/a estagiário/a, criando

condições favoráveis para sua atuação, supervisionando e compartilhando sua sala de aula.

Sobre isso, temos observado que uma rede de contatos com estudantes egressos dos cursos de Licenciatura em Teatro e Dança tem favorecido a criação de espaços mais democráticos e envolventes na recepção dos estagiários, além de proporcionar a oportunidade de serem supervisionados por professores de Arte de sua respectiva linguagem

6 Plano de atividades: etapas do Estágio Supervisionado Obrigatório

Para a realização do estágio com segurança, temos a Lei do Estágio nº 11.788 de 25 de setembro de 2008. Em seu Art. 1º ela o define “[...] como o ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo do estudante [...]” (Brasil, 2008).

Por isso, o ESO é um componente curricular presente em todos os cursos de licenciatura, sendo dividido em etapas progressivas que deve compreender: orientação, observação, coparticipação, planejamento e ações de intervenção e/ou regência. Em cada uma delas, temos critérios de organização:

- As orientações são dadas pelo/a professor/a orientador/a das disciplinas de ESO. Nesse momento devem ser apresentadas as concepções de estágio, os documentos exigidos para sua formatização, explicações sobre a ida ao espaço educativo, a escolha do professor/a supervisor/a de campo, as ações de planejamento e a execução do ESO de forma geral, considerando a especificidade de cada instituição. Envolve o auxílio na elaboração do plano de atividades, dos relatórios finais, momentos de compartilhamentos e reflexões acerca dessa etapa formativa, assim como outras atividades afins ao ESO;

- A observação é a ação que proporciona mapear os dados significativos acerca do cotidiano e da gestão da instituição concedente. Envolve a atenção aos processos de ensino e aprendizagem, dos conteúdos que são ministrados, da análise das competências e das habilidades inerentes ao professor/a

supervisor/a de campo. Compreende o acompanhamento das atividades administrativas das instituições, bem como o acompanhamento e a participação nas atividades desenvolvidas pelo/a supervisor/a tanto na rede escolar de ensino quanto em modalidades não-formais, quando aplicável;

- A coparticipação é uma prática muito interessante no ambiente educacional. Ela envolve a colaboração entre o/a estagiário/a e o/a professor/a supervisor/a, permitindo que o estagiário participe ativamente da dinâmica da sala de aula. Isso inclui ajudar na organização de grupos, fazer intervenções sutis durante as aulas, supervisionar e corrigir atividades avaliativas, entre outras ações. Essa interação não só enriquece a experiência do/a estagiário/a, mas também contribui para criar um ambiente de confiança e colaboração com o/as alunos/as. É importante lembrar que todas essas atividades são realizadas em conjunto com o/a professor/a, garantindo um suporte adequado.

- O planejamento é a ação que deve ser realizada na instituição concedente sob a supervisão de um profissional, que indicará as necessidades a serem contempladas e que foram percebidas durante as etapas anteriores (observação e coparticipação). Esse planejamento deve estar alinhado às demandas e às turmas, além de ser revisado pelo/a supervisor/a. Ele prevê uma intervenção pedagógica/artística e/ou atuação na docência, com etapas definidas em sequências didáticas, objetivos a serem alcançados e estratégias.

- A intervenção pedagógica (projetos/pesquisa) é a ação elaborada pelo/a estagiário/a em acordo com a rede escolar de ensino para a realização de uma atividade ou de uma ação pontual. Essa intervenção deve ser planejada de forma que as necessidades da instituição de ensino sejam contempladas. Sob tutela do supervisor e do orientador de ESO, a intervenção pedagógica poderá ocorrer também em espaço não-formal de ensino, quando for aplicável.

- A regência é a ação que ocorrerá de diferentes e planejadas formas. É uma atividade que deverá sempre ser acordada com o/a professor/a da escola e sob supervisão. Compreende o desenvolvimento de aulas e sequências didáticas, realização de atividades, execução de projetos com temas geradores bem como outras ações sugeridas pelo/a professor/a orientador/a.

A organização dessas etapas ou similares, ajudam a fazer o ESO de modo processual, com escalas do mais simples ao mais complexo, auxiliando o estudante das licenciaturas em Dança e/ou Teatro a criar mais confiança e estratégias diante das turmas e da própria infraestrutura, formulando suas intervenções/ regências quando se sentir mais familiarizado com o grupo e nos espaços.

Além das etapas, é fundamental que as horas destinadas a cada uma dessas ações também sejam pensadas com antecedência a fim de que os/as estagiários/as cheguem ao campo sabendo exatamente o que precisa fazer em cada momento.

Sugerimos ainda que as orientações com o/a professor/a orientador/a permaneçam acontecendo na universidade durante o andamento da disciplina de ESO, pois muitos estudantes consideram o estágio difícil por se sentirem sozinhos, ruminando angústias, inseguranças sem ter com quem compartilhá-las e a sala de aula, com pessoas em situação igual, pode ajudar a minimizar esse tipo de sensação.

Por fim, se permitido, além de buscar um/a professor/a supervisor/a com boas referências, assim como uma escola reconhecida por práticas exitosas, também pode servir de reforço realizar o estágio em duplas, trios. Embora a avaliação seja individual, contar com parcerias, especialmente nos momentos de intervenções e /ou regência, pode ser suavizado com planejamentos colaborativos, em que cada um se propõe com o que se sente mais potente na perspectiva do ensino e aprendizagem em Arte, seja na Dança ou no Teatro.

7 Relatório final: considerações

Ao se permitir tocar os espaços educativos no intuito de aprender “ser professor”, estamos nos vendo do outro lado da sala de aula. O lado de quem precisa saber gerir os que ali se encontram e que irá mediar experiências que podem significar de maneiras diferentes (positivas ou negativas).

O Estágio Supervisionado Obrigatório permite que os futuros professores compreendam melhor a realidade das escolas e dos espaços educativos de aspecto não formal, assim como os desafios enfrentados no dia a dia da profissão. Essa vivência contribui para a formação de uma identidade profissional mais sólida e consciente, ajudando os estudantes a refletirem sobre suas práticas e a se tornarem educadores mais críticos e criativos, extrapolando práticas de reproduções esvaziadas, sem uma análise mais elaborada do que é ser professor/a e qual é o nosso papel na formação em Arte.

Outro aspecto importante é a possibilidade de receber orientação e *feedback* de profissionais experientes, o que enriquece ainda mais o aprendizado. O Estágio Supervisionado Obrigatório também facilita a construção de uma rede de contatos na área da educação, o que pode ser muito útil para futuras oportunidades de trabalho.

Portanto, finalizamos com um convite para se propor ao campo de estágio de modo aberto e responsável, buscando profissionais comprometidos e felizes em suas escolhas, para se aproximar de práticas exitosas, em escolas que funcionam bem, com professores que ensinam e com estudantes que sentem prazer em aprender. E se, depois de toda essa conversa, você achar que lugares e pessoas assim não existem, nós também insistiremos que você tenha um olhar mais sensível ao seu redor. Eu sei que você vai encontrar.

Sucesso!

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008. **Dispõe sobre o estágio de estudantes**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 3-4, 26 set. 2008.

CASTRO, Denis Silva; SOUZA, Danielle Medeiros de; NETO, Rivaldo Bevenuto de Oliveira. Teatro na Escola: um relato do estágio da licenciatura em teatro no Núcleo de Educação da Infância - NEICAp/UFRN. **Cadernos de Estágio**, v. 6, n. 3, 2024.

GOHN, Maria da Glória. Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos participativos. **Investigar em Educação** -II^a Série, Número 1, 2014.

PERRENOUD, Philippe. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PIMENTA, Selma G.; LIMA, Maria S. L. Estágio e Docência: diferentes concepções. **Revista Poíesis**. Volume 3, Números 3 e 4, pp.5-24, 2005/2006.

VIGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Recebido: 18/02/2025

Aceito: 20/05/2025